

BUSCANDO A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS MERCADOS: A EXPERIÊNCIA DA COOPERATIVA COOMELCA NO SUL DO RS

TIELE FELSCH WINKEL¹; LUIS FERNANDO WOLFF²; FERNANDA NOVO DA SILVA³; ANTÔNIO JORGE AMARAL BEZERRA⁴; SHIRLEY G. S. NASCIMENTO⁵

¹ Universidade federal de Pelotas(UFPel) – tielewinkel@ymail.com

² Embrapa Clima Temperado - luis.wolff@embrapa.br

³ Universidade federal de Pelotas(UFPel) – fernandanovo@gmail.com

⁴ Universidade federal de Pelotas(UFPel) – antoniobezerra68@gmail.com

⁵ Universidade federal de Pelotas(UFPel) – shirley.altemburg@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A apicultura é uma atividade agropecuária em ascensão no Brasil, com elevado volume de mel e outros produtos da colmeia, favorecendo a agricultura familiar (WOLFF; GOMES, 2015) e se colocando como *commodity* nacional (ABEMEL, 2016). Isso se deve, de acordo com BENDER et al. (2007), a fatores como crescimento da demanda internacional, excelência da flora apícola brasileira, qualificação dos apicultores, adoção de práticas corretas nos manejos e principalmente a cooperação entre os apicultores. Pela ação coletiva, apicultores obtêm benefícios, reduzem despesas em compras e comercializam melhor seus produtos, ganhando em competitividade e produtividade (LENGLER et al., 2007), acessando mais conhecimentos pela troca de experiências e assistência técnica (BUAINAIN; BATALHA, 2007).

No Rio Grande do Sul, a produção de mel atinge 20,18% do volume nacional (DE MOURA et al., 2014) e, na Metade Sul, o município de Canguçu vem destacando-se pelo crescimento deste setor (FEE, 2014). Neste município, com vistas a unir esforços para desenvolver a apicultura e formalizar a produção e a comercialização, alguns agricultores fundaram a Cooperativa de Apicultores de Canguçu (Coomelca). O grupo foi formado no ano de 2003 e alcançou 44 cooperados, notadamente agricultores familiares, distribuídos entre os municípios de Canguçu e Piratini, RS.

Iniciativas organizativas como essa são a base para o fortalecimento do tecido social local, pois, como aponta PUTNAM (1996), trazem à tona o capital social presente no território e o materializam através de ações que geram desenvolvimento social e econômico baseado em relações de troca e confiança. Neste sentido, o presente artigo busca compreender como a formação da Cooperativa Coomelca auxiliou no fortalecimento do trabalho desenvolvido pelos apicultores familiares dos municípios de Canguçu e Piratini e como fomentou o acesso desse grupo aos mercados institucionais¹.

¹Neste trabalho assumimos o conceito de Mercado institucional, dado por Maciel (2008, p. 17): "Mercado Institucional de Alimentos, em seu sentido mais amplo, é aquele mercado que envolve as três esferas governamentais – municipal, estadual e federal – em todas as suas operações de compra de alimentos, sejam as compras de caráter contínuo – como as aquisições para creches, escolas, sistema carcerário, forças armadas e hospitais – quanto as aquisições de caráter esporádico – como aquelas que ocorrem para atender a população em casos de calamidades públicas ou referentes às políticas de estado e programas de governo, tais como a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)".

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa faz parte do projeto 'Qualificação do Mel na Região Sul do Rio Grande do Sul', desenvolvido pela EMBRAPA - Clima Temperado em parceria com a Universidade Federal de Pelotas. Para cumprir ao objetivo deste artigo, foram entrevistados 06 apicultores da equipe diretiva da Cooperativa de Apicultores de Canguçu (Coomelca), entre janeiro a abril de 2016. Utilizou-se a técnica da entrevista em profundidade, a partir de um roteiro com questões semiestruturadas, que visavam desvelar o que motivou a formação da cooperativa, os benefícios dessa ação para seu tecido social e ainda compreender a inserção desse grupo junto aos mercados institucionais. Cabe destacar, que mediante o consentimento dos entrevistados, utilizamos diário de campo, gravador digital e câmera fotográfica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imersão a campo possibilitou um maior entendimento dos processos sociais que regem a formação e consolidação da cooperativa estudada. No que se refere aos aspectos que explicam a criação da cooperativa, a principal resposta foi a busca por mercados diretos como forma de escoar a produção sem a necessidade de intermediários neste processo. Além disso, visavam fortalecer a apicultura na região através da cooperativa, visto que a partir dela ampliariam: o acesso a informações sobre a atividade; a participação em cursos e palestras; e a troca de experiência entre os cooperados. Em relação aos benefícios obtidos através do cooperativismo, os entrevistados ressaltaram a importância do trabalho em conjunto como forma de atingir bons resultados, principalmente a respeito da busca por mercados, conforme os excertos abaixo:

Antes de ser sócio, a gente estava isolado procurando mercado privado. Agora a gente tá sempre discutindo a safra: como que tá, se tá mais ruim, se tá melhor. Foi uma forma de aproximar. Eu mesmo não sabia que Canguçu tinha tantos apicultores, fora os que não participam (Apicultor nº 3, 60 anos, Piratini).

Muita coisa evoluiu em consequência de formar o grupo...Foi criado um grupo de pessoas que gostavam da atividade, não tinha pessoas que fraudavam o mel, era um grupo sério, honesto e empenhado, eu acho que isso era o que tinha de melhor. Nunca se teve problemas de fraude, e isso ajudava para a qualidade do produto (Apicultor nº 2, 28 anos, Canguçu).

Além do benefício da estratégia coletiva de escoamento da produção, o cooperativismo proporcionou melhores condições de trabalho a estes apicultores, através das trocas mútuas de trabalho, como as ajudas na colheita de mel e o compartilhamento da casa do mel para a centrifugação, e da troca de experiências que permitiram o aprimoramento do manejo apícola e, por conseguinte, a obtenção de maior produtividade. Resultados equivalentes foram encontrados por WERGNER, et al. (2015) em estudo realizado em Pedro Osório. Os autores afirmam que o cooperativismo foi estrategicamente positivo e viável, contribuindo a consolidação dos apicultores, viabilizando ampliação das qualidades e do volume de produção, impactando em melhorias na qualidade de vida.

No que tange à comercialização do mel, antes da formação da Coomelca e sobre as mudanças por ocasião da sua consolidação, os apicultores informaram que antes a venda era informal – vendiam para vizinhos, familiares e para

consumidores de Pelotas e Rio Grande que iam até suas propriedades – condição similar a dos apicultores paranaenses estudados por Simionatto et al. (2012), cuja condição de informalidade era presente em 90% dos entrevistados.

Ademais, os apicultores informaram que outra estratégia adotada era a de ofertar o produto à domicílio, ou seja, "Pegava o carro enchia de mel e leva para Pelotas e batia de porta em porta para vender e volta para casa com o rancho do mês" (Apicultora, nº 5, 54 anos, Canguçu).

Um dos fatores que contribuiu à informalidade foi a dificuldade de atender as normas fiscais e sanitárias. Após a fundação da Coomelca, o trabalho cooperativo viabilizou tal adequação, permitindo a comercialização legal do mel no município de Canguçu, através do selo Serviço de Inspeção Municipal (SIM), e, mais tarde, em todo o território estadual, com a conquista do registro na Coordenadoria de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (CISPOA).

Apesar da persistência da comercialização de mel direto nas propriedades, através da Coomelca novos mercados foram alcançados, a exemplo dos mercados institucionais. A situação legal da Cooperativa permitiu a comercialização de mel à CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), via chamada pública, para atendimento ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e ao Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA).

O que a gente embalou e comercializou foi vendido para os programas do PAA, no Fome Zero, que para o município de Porto Alegre foi destinado 20.000 kg de mel. No mesmo programa só que destinado ao município de Canguçu, em três anos (2008, 2009 e 2010), foi comercializado 12.000, 9.000 e 13.000 Kg de mel, respectivamente (Apicultor nº 1, 61 anos, Canguçu).

Entre os anos 2008, 2009 e 2010, estes programas garantiram a comercialização do mel da Coomelca com valores acima do mercado, o que incentivou os cooperados e atraiu novos apicultores, com mostra o excerto:

Quando eu entrei para a cooperativa, entre 2006 e 2008, houve o embargo do mel para Europa, o preço do mel tava muito baixo, uma pessoa me falou sobre a cooperativa, ali liguei para o pessoal lá, achei que valia a pena, também havia a venda de mel para a Conab e era uma promessa de venda com um valor muito bom na época Ai fui lá, me aceitaram como cooperado, ai me cooperei. Só que aquela venda de mel para Conab foi muito boa, mas não teve seguimento (Apicultor nº 6, 59 anos, Piratini).

Cabe acrescer que a descontinuidade de pedidos e a demanda aquém da capacidade de entrega da Cooperativa, gerou a necessidade de buscar novos mercados. No entanto, o fato dos coordenadores dividir sua dedicação entre a cooperativa e as atividades, apícolas ou não, em suas propriedades – somado à falta de conhecimento no ramo – dificultou muito tal ampliação. Deste modo, assim como os mercados institucionais determinaram a adesão de parte dos apicultores, foi sua "falta" que justificou a redução no quadro ativo da Cooperativa, pois para muitos sua finalidade resumia-se à comercialização. Vejamos: "Até no início tinha deslanchado com as venda para a CONAB, mas depois diminui para duzentos, trezentos quilos, ai pega um produtor grande... Depois que parou as venda na CONAB, cortou mais que a metade do pessoal da Coomelca" (Apicultor, nº 2, 28 anos, Canguçu).

Diante do exposto verificamos que, se no começo o acesso aos mercados institucionais estimulou a criação e consolidação do grupo e viabilizou o escoamento da produção inicial, atualmente, não atende mais a esse papel, pois houve um avanço técnico, social e de produtivo, que torna inevitável lançar mão

de outras estratégias comerciais, até mesmo, retomando os mercados indiretos, através de intermediários que oportunizam a exportação da produção.

4. CONCLUSÕES

Conforme observamos a ação cooperativa propulsionou o fortalecimento de capital físico e humano em benefício mútuo, incidindo na ampliação de horizontes técnico-qualitativos e na construção de caminhos ao acesso de mercados, bem como no enfrentamento de obstáculos associados a tal processo. Durante a trajetória da cooperativa é inegável que a participação nos mercados institucionais refletiu positivamente à ampliação no quadro social, assim como a retração no volume de operações junto aos programas implicou na redução do número ativo de cooperados. Há que sopesar que as relações constituídas estiveram muito dependentes da viabilização da comercialização do mel, fato que fragilizou a cooperativa a seu turno. Neste sentido, nos parece que se torna importante avançar em amarrações mais potentes e fortes que permitam o robustecimento do capital social. Por outra parte, cabe destacar que a perenidade de programas no âmbito dos mercados institucionais têm atuado no fortalecimento da agricultura familiar e na promoção de vários processos de emancipação de grupos sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEMEL. **Dados das exportações de mel**. Setor apícola brasileiro em números. 2016. Disponível em: <http://brazillletsbee.com.br/dados-setoriais.aspx>.
- BENDER, C., M.; PEREIRA, L., B. ; SOUZA, J., P. Panorama mundial e nacional, desafios e perspectivas para a atividade apícola em Santa Catarina. **Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**, XLV congresso da sober, Londrina, 2007.
- BUAINAIN, A., M.; BATALHA, M., O. **Cadeias Produtivas de Flores e Mel**. Brasília, DF: IICA: MAPA/SPA. Agronegócios, v. 9, p. 140, 2007.
- DE MOURA, S., G., et al. "Qualidade do mel de" *Apis mellifera L.*" relacionadas às boas práticas apícolas. **Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal**, Salvador, v.15, n.3, p.731-739, 2014.
- LEGLER, L.; LAGO, A. CORONEL, D. A. A organização associativa no setor apícola: contribuições e potencialidades. **Organizações Rurais e Agroindustriais**, v. 9, n. 2 p. 151- 163, 2007.
- MACIEL, L. R. **Mercado institucional de alimentos: potencialidades e limites para a agricultura familiar**. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- SIMIONATTO, M.; MAEDA, E., M.; COSTA-MAIA, F. M. Análises do manejo e comercialização do mel no município de Dois Vizinhos-Paraná. 2012. Acesso em 20 de julho de 2016. Disponível em: http://www.sei.utfpr.edu.br/images/arquivos_2012/APICULTURA%20DOIS%20VIZINHOS.pdf
- WEGNER, J.; FARIAS, B. F.; WOLFF, L. F. O cooperativismo apícola frente aos desafios da sustentabilidade agroecológica em Pedro Osório. **Cadernos de Agroecologia** - ISSN 2236-7934 - Vol 10, No. 3, OUT 2015.
- WOLFF, L. F.; GOMES, J. C. C. Beekeeping and Agroecological Systems for Endogenous Sustainable Development. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, 39:416–435, 2015.